

## **Acerca das duas primeiras descrições missionárias de língua geral<sup>1</sup>**

Maria Carlota ROSA

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

### **1. Introdução**

Esta comunicação tem como ponto de partida um comentário de Câmara Jr (1965: 101) acerca das descrições lingüísticas feitas por missionários. Para o lingüista brasileiro,

o objetivo central dos missionários era a comunicação com os nativos, para fim de propaganda religiosa. [...] Era preciso conhecer a língua para por meio dela entrar em contacto com o indígena e promover a catequese religiosa. Ora, este é justamente o espírito que favorece a criação das chamadas línguas francas. [...] Por isso o TUPI que as primeiras exposições dos europeus nos fornecem, não é exatamente aquele que os indígenas exatamente falavam: é uma sistematização simplificada, feita para se proceder à propaganda religiosa dentro do ambiente indígena.

Discutimos aqui essa afirmação, tomando por base dados das duas primeiras gramáticas de línguas indígenas brasileiras que chegaram até nós, aos quais juntamos informações acerca do contexto histórico em que foram produzidos. Essas gramáticas são: a *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, do Pe. José de Anchieta, impressa em 1595, mas que já circulava como manuscrito em 1556; e a *Arte da lingua brasílica*, do Pe. Luís Figueira, cuja primeira impressão data possivelmente de 1622.

Embora ambas as obras tenham descrito a *língua geral* (LG) -isto é, a língua nativa das tribos da costa e "de uma grande corda do sertão" (CARDIM, 1584:49) e, por esse motivo, a escolhida pelos portugueses como a língua principal- e o tenham feito aparentemente com os mesmos dados e quase que com os mesmos exemplos, procuramos fornecer evidências de que a gramática de Anchieta exhibe uma riqueza de detalhes -não mais presentes em Figueira- que levanta a hipótese de que ela não se submeteu ao quadro descrito por Câmara Jr.

### **2. Alguns dados sobre o contexto histórico**

A situação lingüística no Brasil que emerge da documentação que se segue ao Descobrimento (e estamos restritos aqui até os primeiros anos do século XVII) evoca um

---

<sup>1</sup> Esta comunicação tem origem no trabalho final apresentado ao Prof. Alan Baxter (La Trobe University, Austrália), no curso sobre Línguas Pidgins e Crioulas. Uma versão parcial dessa primeira versão saiu publicada em *Papia 2*: 1.85-98 (1992). Meus agradecimentos aos Profs. Alan Baxter, Candida Drummond Barros, A. Naro e Hildo H. do Couto pelos comentários. Todos eles são inocentes em relação a quaisquer problemas que tenham permanecido.

contexto lingüístico muito diversificado, com diferentes graus de comunicabilidade entre os vários grupos que habitavam o território.

Num dos extremos de uma hipotética escala de comunicabilidade estariam os falantes monolíngües, quer de português, quer de LG, quer de outras línguas, brasileiras ou não<sup>2</sup>. Em especial os relatos dos primeiros viajantes que passaram pelo Brasil dão conta da dificuldade dos europeus com as línguas nativas. O próprio descobridor, Pedro Álvares Cabral, em acordo com os capitães de sua armada, decide-se por não seguir a ordem do rei de Portugal, que era levar dois nativos das terras que viessem a ser descobertas e em que se falassem línguas desconhecidas, para, depois de "aprenderem a falar", poderem ser inquiridos sobre o que nelas havia (FERNANDES *ca.*, 1507-10: 239-40 [fol.349]). Ao contrário, em vista de os nativos serem "jente que ninguem emtende nem eles tam cedo aprderiam a falar pera o saber tam bem dizer" (CAMINHA, 1500:26), Cabral deixava na terra por ele recém-descoberta dois degredados para que aprendessem a língua.

No outro extremo da escala de comunicabilidade estariam os falantes bilíngües. Em meados do século XVI, a existência de bilíngües nativos já é noticiada por viajantes como Staden (1557:55), por exemplo. Mas, se os adultos europeus tinham dificuldades com o aprendizado de uma segunda língua, o mesmo não se dava com as crianças. Assim, a par com degredados, começam a ser enviadas crianças ao Brasil. Foi, por exemplo, com muitos órfãos portugueses que o Pe. Leonardo Nunes fundou uma escola em S. Vicente (ALMEIDA, 1910-28: II, 260). Por sua vez, em carta ao Pe. Miguel Torres, Pe. Nóbrega queixava-se da grande quantidade de órfãos vindos da casa de Lisboa (In LEITE, ed. 1954: II,280-1). A prática de enviar crianças que se tornariam *línguas* não se restringiu aos portugueses: La Roseé, uma das três embarcações da viagem relatada pelo missionário calvinista Jean de Léry contava entre seus passageiros "six jeunes garçons que nous menâmes pour apprendre le langage des sauvages"(MAYEUX, ed. 1957:27).

Entre o monolingüismo e o bilingüismo estariam níveis variados de interlíngua, considerando-se como língua-alvo a LG, os quais iriam de formas rudimentares de comunicação até o domínio talvez próximo ao de um nativo.

Nos níveis mais rudimentares estaria um jargão, constituído de um pequeno conjunto de palavras e de fórmulas, acompanhadas de instruções acerca de como agir com propriedade junto aos índios, em uso por marinheiros e mercadores que faziam a rota do Brasil em busca de bens que encontravam bom preço de mercado na Europa. Os membros da tripulação da nau em que viajava Léry e que serviam de línguas, por ex., eram pouco fluentes em "selvagem": afinal, podiam apenas, segundo Léry (1580:I,74), "un peu gergonner" a língua dos nativos. A "simplicidade" na expressão nesses contactos também não passou despercebida a um outro religioso, Yves d'Evreux (1615:220), que a relacionava à Lei de Deus e à simplicidade cristã.

Aqueles que, ao contrário, no Brasil se estabeleciam, aprendiam rapidamente a falar, embora não tão bem como seus filhos. É o que afirma Fernão Cardim: "dos Portuguezes, quasi todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os Indios a sabem

---

<sup>2</sup> Além de referências constantes à *língua de Guiné* e à *língua de Angola*, nos pedidos de religiosos que as falassem, para que se pudesse proceder com eficácia à pregação junto a essas populações que aumentavam à medida que se intensificava o tráfico de escravos para o Brasil (cf. LEITE, ed. 1954: CARDIM 1583-90), há ainda referências, por exemplo, a comunidades falantes de línguas européias (encontramos, e.g., referência a um núcleo de 400 famílias irlandesas vivendo no Pará por volta de 1643 - BNL Cod.7627)

em breve tempo, e os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que os Portuguezes, assim homens como mulheres" (CARDIM, 1584:49). Esse *aprendizado breve* da LG de que nos fala Cardim, não tão bom quanto aquele levado a cabo por crianças já nativas, possivelmente se terá constituído, em parte dos casos, no aprendizado de uma versão pidginizada da LG, em que traços gramaticais que não encontravam paralelo em português teriam sido abandonados.

Os registros da LG feitos pelos jesuítas Anchieta e Figueira são representações da LG enquanto segunda língua. A questão que nos pomos é a de saber que dados lhes teriam servido de base: em vista das diferentes competências, descreveram gramática de qual grupo?

### 3. O testemunho dos Jesuítas

A Companhia de Jesus enfatizou, desde sua fundação<sup>3</sup>, as atividades pedagógicas. As *Constituições*, parte IV, escritas pelo próprio Sto. Inácio e em vigor desde 1552, assim recomendavam: "*Studeant ad id munus obeundum linguam populo vernaculam bene addiscere [A fim de bem cumprir essa missão, que se esforcem para aprender a língua vernácula com o povo.]*"(apud FRANCA, 1952: 51n). As Regras Comuns voltavam à mesma tecla: "*Singuli addiscant ejus regionis linguam in qua resident, nisi forte ipsorum nativa illic esset utilior [Aprenda cada um a língua daquela região em que reside, a não ser que a nativa fosse aí mais útil]*"(apud FRANCA, 1952:51n). Conseqüência prática destes postulados foi o desenvolvimento de uma importante obra gramatical, voltada: (a) por um lado, na educação liberal, para a *eloquentia perfecta*, i.e., para o domínio da expressão convincente e fluente em latim (MATHUNA, 1981); e (b) para as línguas européias mas, logo a seguir, para línguas desconhecidas que os Descobrimentos revelavam, com a finalidade de atender àqueles que estavam fora do regime escolar normal e que precisavam de um aprendizado rápido por razões práticas, como era o caso dos missionários.

Cabe notar que, como meio para levar a cabo a evangelização, o aprendizado da língua das populações a converter não era, necessariamente, a única solução. Os Jesuítas poderiam, hipoteticamente ao menos, ter optado por qualquer de dois outros caminhos. Um deles seria a utilização de *línguas* não pertencentes à Companhia como mediadores da pregação. Embora haja referências a eles nos primeiros relatos dos religiosos<sup>4</sup>, em especial a crianças órfãs ou judias enviadas pela Coroa para esse fim (LEITE, ed. 1954), não foi esta a solução definitiva<sup>5</sup>. A segunda possibilidade seria a pregação na própria língua do missionário, ou mesmo em latim. Esta solução foi efetivamente utilizada por algumas Ordens. Os Franciscanos, por exemplo, primeiros religiosos a chegar ao Brasil, leram em português o Evangelho para os índios, porque, segundo eles, era a palavra de Deus e, como tal, tinha a virtude de agir sobre

<sup>3</sup> A *Societas Jesu* ou Companhia de Jesus foi fundada em 1539, em Roma, por Inácio de Loyola e mais nove companheiros de sacerdócio. Em 1759 foi expulsa de Portugal e seus domínios, incidente que marcou o início do processo que culminaria com a supressão da Ordem por Clemente XIV em 1773. Os primeiros missionários da Ordem começaram a chegar ao Brasil em 1549.

<sup>4</sup> Segundo Anchieta, um dos línguas que presta auxílio aos Jesuítas na doutrinação dos mamelucos ainda no ano de 1549 -ano da chegada dos Jesuítas ao Brasil- é Pedro Correa (ABREU, ed. 1886:14), que, antes de conhecer o Pe. Leonardo Nunes e tornar-se irmão na Ordem, vivia de saltar e tornar índios escravos (CABRAL s.d.: 90).

<sup>5</sup> Levem-se em conta os problemas que um intérprete trazia para o ato de confissão.

os indivíduos<sup>6</sup>. Esta não foi a solução jesuítica, embora, por vezes, em decorrência de desentendimentos entre os primeiros Jesuítas chegados ao Brasil e as línguas, tal possa ter acontecido<sup>7</sup>.

Ponho, portanto, a hipótese de que a atitude dos primeiros missionários jesuítas (entre os quais se contava Anchieta, mas não Figueira) em relação à língua das populações nativas diferia da de outros estrangeiros vindos para o Brasil na medida em que: (a) esses primeiros padres estavam familiarizados com o estudo gramatical e procuravam reduzir a LG à escrita, para nela penetrar; (b) seus informantes foram principalmente crianças (ALMEIDA, 1910-28:II,260), o que lhes permitiu evitar alguma espécie de *foreigner talk* que pudesse ser utilizado pela comunidade adulta<sup>8</sup>; (c) nas missões, ainda distantes das vilas (ANCHIETA, 1554-1594:51), os jesuítas habitavam principalmente entre índios, não entre mamelucos ou europeus. Esses índios, por sua vez, pouco contacto tinham com outros brancos, uma vez que apenas uma pequena parcela dos homens prestava mensalmente serviços em fazendas de portugueses (ANCHIETA, 1554-94: 51).

**3.1.** Ao contrário da facilidade no aprendizado, que Cardim apontara para outros europeus, Anchieta (In LEITE, ed. 1954: I,165) ainda escrevia, dois anos após sua chegada ao Brasil, que quanto "à língua, eu estou nela algum tanto adiante, ainda que é muito pouco para o que soubra se me não ocuparam em ensinar gramática, todavia tenho toda a maneira dela por arte, e para mim tenho entendido quase todo o modo dela".

No ano seguinte, em 1556, o Ir. Antônio Blazquez comentava, numa carta endereçada aos padres de S. Roque, em Lisboa (In LEITE, 1954: I,301), o esforço de seus companheiros em aprender a LG. Nessa época já a gramática do Pe. Anchieta circulava em forma manuscrita: "Los niños y Hermanos de casa andam todos con gran fervor de saber la lengua, y peréceme que presto la sabrán, assi por el deseo con que a elle se aplican, como porque para aprenderla tienen una Arte que truxo el Pe. Provincial".

O comentário de Blazquez revela que bem cedo o estudo de LG pelos jesuítas começava a se processar de modo sistemático, com base na documentação escrita que se formava. Se somente o uso efetivo da LG permitiria sanar as dúvidas, como Anchieta e Figueira clamam por diversas vezes, essas dúvidas seriam o resultado desse estudo acadêmico.

---

<sup>6</sup> ABREU, ed. (1886:12): "Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de S. Francisco, os quaes aportaram a Porto Seguro não muito depois da povoação daquela capitania, e fizeram sua habitação com zelo da conversão do gentio, e, ainda que não sabiam sua lingua, de um delles se diz que lhe lia o Evangelho e, como lhe dissessem os Portuguezes que para que lh'o lia pois o nao entendiam? respondia: *Palavra de Deus é ella, tem virtude para obrar nelles.*"

<sup>7</sup> "Con todo el sacramento del baptismo tienen tanta fuerça que a todo tiempo ajuda, porque me acontecio algunas vezes, por los mamalucos que llevaba por lenguas seren vagarosos mucho, como es su costumbre, en el hablar y frios, hablarles em portugués, sin ellos entendieren cousa alguna, con sólo saberen que aquello devía de ser sobre su mal bivar, se paravan mui vergoncosos y, sin me resistiren ni responderen, les dezía: vámonos, tomándolos por la mano y ívanse para casa conmigo" (Carta do Pe. Luís da Grã a INACIO de LOIOLA - Bahia, 27.12.1554 - In LEITE, ed. 1954: II,136)

<sup>8</sup> Excetua-se o Pe. Azpilcueta, que teria ido buscar um língua à Bahia (CANDIDA BARROS, c.p.). No entanto ele parece ter dominado uma versão pidginizada, a julgar pelos comentários que ficaram registrados.

**3.2.** A gramática de Figueira, no entanto, parece pertencer a outro contexto. Na *Aprovaçam*, o Pe. Manuel Cardoso, que examinara a obra por ordem do Reitor do Colégio de Pernambuco, declara que a Figueira se devia "muito agradecimento, por facilitar com seu trabalho, o muito, que os que aprendem esta lingua Brasilica costumam ter não obstante a arte do P. Ioseph Anchieta, que por ser o primeiro parto ficou muy diminuta, & confusa, como todos experimentamos" (FIGUEIRA, s.d.: [A2 r-v]).

A exposição mais fácil conseguida por Figueira poderia apoiar-se numa apresentação mais didática dos dados. A comparação de alguns pontos de ambas as descrições, porém, levanta uma outra possibilidade: a do abandono, por parte de Figueira, de traços lingüísticos presentes em Anchieta. Afora isso, o contato de Figueira com outros brancos, de fora das missões, parece ter sido mais intenso, como sugere sua amizade com o Capitão-mor Bento Maciel (cf. LISBOA, 1626).

#### 4. Os dados

Tomamos aqui dois tópicos presentes em ambas as obras para comparação: a marcação do grau e a cópula.

**4.1.** As descrições de Anchieta e de Figueira estão em acordo ao afirmarem que a LG não apresentava um processo morfológico para a marcação de grau. Este é apresentado como uma construção sintática em que há um sujeito, a qualidade que funciona como o termo de referência na comparação, o elemento objeto da comparação e a posposição indicadora de superioridade fechando a oração.

Em (1) uma espécie de "grau positivo" para a entidade objeto da comparação (**ete ndê çui**) está explicitamente indicada. A mesma análise pode aplicar-se a (6), mas **ete** (não traduzido por Figueira) pode também ser compreendido como equivalendo ao advérbio "mais"<sup>9</sup>, o que torna a construção mais semelhante à portuguesa. Uma outra pequena diferença aparece na comparação de (2) e (5). Em (5) **cuab** pode ser compreendido como uma forma verbal, seguida de objeto; em (2), **cuâb** pode ser interpretado na fronteira entre verbo e adjetivo:

Anchieta (1595: 43r):

1. **xe-catu ete ndê çui**  
1s-bom/natural/2s/em comparação com  
verdadeiro (Lat. *prae*)  
"Eu sou bom, mais que tu"
2. **ai-cuâb etê ndê çui**  
1s/saber/natural/2s/em comparação com  
"Sei mais que tu"

Figueira (s.d.: 43<sup>F</sup>; 66r-v):

3. **xer-oca turuçu etê der-oca { çoce }**  
1s-casa/grande: ? /2s-casa/sobre  
**{ çui }**  
de  
"Minha casa é maior que a tua"

<sup>9</sup> O significado em Ayrosa 1938 é 'mais'. Figueira, diferentemente de Anchieta, não trazduz a partícula.

4. **xer-oca turuçu ete nhe opacatu-oca çoce**

1s-casa/grande/ ? / ? / todos-casa/sobre

(lit.) "Minha casa é muito grande sobre todas as casas"

5. **ai-cuab bae nde çoce**

1s-saber/coisa/2s/sobre

"Sei mais (melhor) que vós"

6. **xe-angaturam ete de çui**

1s-bom/ ? /2s/de

"Sou melhor homem que vós"

4.2. Anchieta e Figueira informam da ausência de um verbo na LG que correspondesse ao latino *esse* ou aos portugueses *ser*, *estar* e *ter* (ANCHIETA 1595: 46-48; FIGUEIRA *s.d.* 34v-36r).

4.2.1. Segundo Anchieta, o significado básico de *esse* corresponde ao verbo *ser* do português. Para a expressão desse significado, três construções são possíveis: Pron + Adj; Pron + N; Pron + Verbal or Verbal + Pron. Exemplificam a primeira construção (7-9), enquanto (10-14) indicam a construção *Pron+N*:

7. **xe-catu**

1s-bom

"Eu sou bom"

**na-xe-catu-i**

NEG-1s-bom-NEG

"Não sou bom"

8. **nde-catu**

2s-bom

"Tu és bom"

**na-nde-catu-i**

NEG-2s-bom-NEG

"Tu não és bom"

9. **y - catu**

3s-bom

"Ele é bom"

**n-i-catu-i**

NEG-3s-bom-NEG

"Ele não é bom"

Segundo Anchieta, no caso de Pron + Nome é indicado por o *suppositum* (*i.e.*, o sujeito), na posição final. A negação obrigatoriamente inclui a partícula **-ruã-** entre o suposto e o N:

10. **abarê-yxê**

Padre-1s

"Padre sou eu"

**na-ixê-ruã-ábarê**

NEG-1s-NEG-Padre

"Não sou padre"

ou

**n-abarê-ruã-ixê**

NEG-Padre-NEG-1s

"Não sou padre"

11. **abarê-Pedro**

Padre

"Padre é Pedro"

Possíveis ainda, embora ambíguas, as formas:

12. **xê-abarê**

1s-padre

"Eu sou padre"

"Eu tenho padre"

**na-xê-abarê-i**

NEG-1s-Padre-NEG

"Não sou padre"

"Não tenho padre"

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 13. <b>xe-caguar</b><br>1s-bebedor de vinho<br>"Tenho bebedor de meu vinho"<br>"Sou bebedor de vinho" | <b>na-xe-caguar-i</b><br>NEG-1s-bebedor de vinho-NEG<br>"Não tenho bebedor de meu vinho"<br>"Não sou bebedor de vinho" |  |
| 14. <b>aôba-yxê</b><br>roupa-1s<br>"Eu sou roupa"   | <b>n-aoba-ruã-ixê</b><br>NEG-roupas-NEG-1s<br>"Eu não sou roupa"   | <b>na-ixê-ruã-aóba</b><br>NEG-1s-NEG-roupa<br>"Eu não sou roupa" |

Colocado o suposto antes do N, o significado mais comum passa a ser "ter" (**xe-aob** "Tenho roupa"; **na-xe-aob-i** "Não tenho roupa"). Para significar "eu sou roupa", com a construção Pron + Adj, ter-se-ia **yxê-aóba**. Contudo Anchieta (1595: 46v) adverte que "se se praeposer o supposto ha dauera alguma morula na prolação", para que se mantivesse a diferença entre **yxê-aóba** "eu sou roupa" e **yxê-aóba** "minha roupa".

Com os verbais há duas ordenações possíveis: Verbal + Pron or Pron + Verbal. Anchieta exemplifica com verbais em **-ara** 'agetivo' (substantivos ou adjetivos) e em **-poro-** and **-moro-**:

- |  |   |
|--|---|
| 16. <b>caguara-ixê</b><br>bebedor de vinho-1s<br>"Eu sou bebedor de vinho"                                     | <b>na-caguara-uã-ixê</b><br>NEG-bebedor de vinho-NEG-1s<br>"Não sou bebedor de vinho" |
| 17. <b>xe-poro-mboe-çar</b><br>1s BEN ensinar Ag.<br>"Tenho quem ensine"<br>"Tenho mestre que ensine a outros" | <b>na-xe-poro-mboe-çar-i</b><br>NEG-1s-BEN-ensinar-Ag-NEG<br>"Não tenho quem ensine"  |
| 18. <b>moro-mboe-çara-ixe</b><br>BEN-ensinar-Ag-1s<br>"Sou mestre"   | <b>na-moro-mboe-çara-ruã-ixê</b><br>NEG-BEN-ensinar-Ag-NEG-1s<br>"Não sou mestre"     |

Anchieta menciona a distinção entre os significados de formas com **-poro-** ("ter"), somente adjetivas, e **-moro-** ("ser"), substantivas ou adjetivas e, por conseguinte, passíveis de apresentarem duas ordenações.

O segundo significado básico de *esse* é "ter" e depende da ordenação de elementos.

- |   |   |
|---|---|
| 19. <b>xe-pinda</b><br>1s-anzol<br>"Tenho anzol"        | <b>na-xe-pinda-i</b><br>NEG-1s-anzol-NEG<br>"Não tenho anzol" |
| ou  |   |
| 20. <b>yxê xê-pinda</b><br>1s/1s-anzol<br>"Tenho anzol" | 21. <b>xe-pinda ixê</b><br>1s-anzol/1s<br>"Tenho anzol"       |

**4.2.2.** Figueira (*s.d.*: 35r), como Anchieta, observa a ausência de um verbo equivalente ao *esse* latino na LG, mas aponta que essa falta é compensada pelo pronome **xe**. Itens lexicais específicos dão o significado de expressões com "estar" em português: **aico** "estou", **ajub** "estou deitado", **aicobé** "estou vivo" (*cf.* ANCHIETA, *fol.* 46). Segundo Figueira, **xe** tem dois significados e, conseqüentemente, duas construções distintas. Seu sentido básico é "ego", e combina-se com adjetivos para a formação de orações que no latim teriam o verbo *esse*:

22. **xe-catu**

1s-bom

"Eu sou bom"

23. **xe-pochi**

1s-mau, feio, sujo

"Eu sou mau, feio, sujo"

A significação secundária de **xe** é *meus, mea, meum*, e junta-se a substantivos, valendo pelo verbo "ter" do português:

24. **xe-cig**

POS.1s-mãe

"Tenho mãe"

Diferentemente de Anchieta, Figueira não refere explicitamente diferenças no uso da negação dessas formas; tampouco diferentes ordenações para "ser" e "ter". Não há também menção a sentidos específicos para construções com **-poro-**, que aparentemente considera (como também a **-moro-**) um marcador indeterminado de acusativo com o traço [+ humano] (FIGUEIRA *s.d.*: 49).

## 5. Sumário e conclusões

As diferenças entre as gramáticas de Anchieta e Figueira apontam para diferentes domínios de LG como segunda língua, que refletiriam o domínio de cada autor. São, no entanto, também um indicativo de que a Companhia havia feito *tabula rasa* das diferenças dialetais, ao menos no nível básico de aprendizado de LG, ao fazer circular uma mesma versão por todo o território. Afinal, a variação fora reconhecida pelo próprio Anchieta (1595:1v), que advertia o leitor de que "o vso de diuersas partes do Brasil sera o melhor mestre".

Não obstante a constatação de diferenças entre ambas as descrições, sua atribuição simplesmente a influências advindas de contacto com o português não nos parece uma explicação suficiente. Levantamos aqui a possibilidade de ter havido um modelo gramatical jesuítico (pautado, talvez, no trabalho do Pe. Manuel ÁLVARES) que serviu de modelo organizador das descrições da Companhia, e ao qual Anchieta não se ateve. Parte do mérito de Figueira teria sido, então, o de adequar a obra de Anchieta a esse modelo.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano, ed.

1886 *Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta (1584-1586)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1812-41 *Collecção de notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portuguezes*. Lisboa: Tip. da Academia. 7t.

ALMEIDA, Fortunato

1910-28 *História da Igreja em Portugal*. Nova ed. preparada e dirigida por D. Peres. Porto: Portucale.1967. 4v.



ANDRADE, António Alberto de

- 1972 "O auto notarial de Valentim Fernandes e seu significado como fonte histórica". *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.5.521-45.

ANÔNIMO. s.d.

- 1867 "Navegação do Capitão Pedro Álvares Cabral escrita por hum piloto portuguez". *In Academia Real das Sciencias*. 2(2.ed.):3.103-36.

ALBUQUERQUE, Jerônimo de

- 1614 "Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita o anno de 1614. Memórias para a História da Capitania do Maranhão", *Academia Real das Sciencias* 1:4.1-118. 1812.

ALBUQUERQUE, Miguel Tenório

- 1922 "Língua Geral. Tupi-Guarani". Memória apresentada no xx Congresso Internacional de Americanistas. *Revista do Museu Paulista*. 1929, 16:445-88.

ANCHIETA, José de

- 1595 *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Novamente dado a luz por Julio Platzmann. Leipzig: Tenbrer. 1874.
- 1560 *Capitania de S. Vicente*. Rio de Janeiro:Imprensa Nacional. 1946.
- 1585 *A Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1946.
- 1554-94 *Primeiros aldeamentos na Baía*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1946.

ARAÚJO, Antonio de

- 1618 *Cathecismo na lingua brasilica no qual se contém uma summa de doctrina christã*. Lisboa: Pedro Craesbeck.

AYROSA, Plinio, ed.

- 1934 "Diccionario Portuguez-Brasiliiano e Brasiliiano-Portuguez". Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2a. parte, até hoje inédita. *Revista do Museu Paulista* 18.17-322.
- 1937 "O caderno da língua ou Vocabulário Portuguez-Tupi de frei João de Arronches. 1739". Notas e comentários á margem de um manuscrito do século XVIII. *Revista do Museu Paulista* 21.49-322.
- 1938 *Vocabulário na língua brasilica. Manuscrito português-tupi do século XVIII*. S. Paulo: Depto. de Cultura.

BARROS, João de

- 1553 *Ásia*. 1a. e 2a. Décadas. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1976. 2v.

BAXTER, Alan

- 1989-90 *Línguas pidgins e crioulas*. Anotações do curso na Universidade de Lisboa. Lisboa. ms.

CAMARA Jr., J. Mattoso

- 1965 *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2a. ed. rev. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CAMINHA, Pero Vaz de

1500 *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral. 1968.

CARDIM, Fernão

1584 *Do princípio e origem dos índios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Notícias. 1881.

1583-90 "Informação da Missão do P. Christóvão Gouveia às partes do Brasil, anno de 83 ou Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo)... desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovão Gouveia". In *Tratados da terra e gente do Brasil*. Intr. e notas de B. Caetano, C. de Abreu e R. Garcia. 2a.ed. 1939.p. 247-326.

*Contratos de colonização com Pedro Suthman e Irlandeses* (1643). ms. (BNL. COD.7627).

CUNHA, Celso

1981 *Língua, nação e alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

DOMINGUES, Francisco C. & Guerreiro, Inácio

1989 "Viver a bordo". *Oceanos* 1:2.37-63.

D'EVREUX, Yves

1615 *Voyage dans le Nord du Bresil fait durant les années 1613 et 1614 par...* Publié d'après l'exemplaire unique conservé a la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. Leipzig & Paris: A. Franck. 1864.

FERNANDES, Valentim. *ca.*

1507-10 *O manuscrito Valentim Fernandes*. Oferecido à Academia por J. Bensaúde... Leitura e revisão das provas por A. Baião. Lisboa: Academia Portuguesa da História. 1940.

FERRAZ, Luiz Ivens

1979 *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

FIGUEIRA, Luís. *s.d.*

[1622] *Arte da língua brasílica*. Lisboa: Manuel da S. Menescal.

1687 *Arte da grammatica da lingua brasílica*. Lisboa: Miguel Deslandes.

1795 *Arte da grammatica da lingua do Brasil*. Lisboa: Off. Patriarcal.

GANDAVO, Pero Magalhães de

1576 *História da Província de Sancta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Ed. fac-sim. Nota prévia de Leite de Faria. Lisboa: Biblioteca Nacional. 1984.

GÓIS, Damião de

1556-7 *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1949. Parte 1.

GOMES, J. Pereira

1950 "Um autógrafo de Luís Figueira". *Brotéria* 50:5.581-85.

HOLM, John

- 1987 "Creole influence on Popular Brazilian Portuguese". In Gilbert, G.,ed. *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: The University of Hawaii Press. 406-29.  
 1988-9 *Pidgins and Creoles*. Cambridge, Gr. Brit.:The University Press. 2v.

HIRSCH, Elizabeth F.

- 1967 *Damião de Góis*. Trad. de L. C.Raitt. Pref. de J. Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1987].

LEITE, Serafim

- 1954 *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil (1538-1553; 1553-1558)*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 2v.  
 1962 *Novas páginas de História do Brasil*. Lisboa: Academia Portuguesa da História. v.7.

LERY, Jean de

- 1580 *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*. Avec une introduction et des notes par P. Gaffarel. Paris: Alphonse Lemerre. 1879. 2t.

LISBOA, Cristóvão de

- 1626 *Carta a um superior narrando trabalhos de missões no Brasil e queixando-se de agravos praticados pelo Capitão-mor Bento Maciel e pelo Pe. Luís Figueira*. Maranhão, 2 de outubro de 1626.ms. (BNL. Ms. 29 no. 32).

LUSSAGNET, Suzanne, ed.

- 1953 *Pays d'outre-mer. Les Français en Amérique. Le Brésil et les Brésiliens par André Thevet*. Choix de textes et notes par... Intr. par Ch.-A. Julien. Paris: Presses Universitaires de France.

MAMIANI, Luis Vincencio

- 1699 *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri*. Lisboa: Miguel Deslandes.

MAYEUX, M. R., ed.

- 1957 *Journal de bord de Jean de Léry en la terre de Brésil*. 1557. Paris: Ed. de Paris.

MATHÚNA, S. P. & MÜHLHAUSLER, P.

- 1981 *William Bathe, S.J., 1564-1614. A pioneer in linguistics*. Amsterdam: J. Benjamins. 1986.

MÜHLHAUSLER, Peter

- 1986 *Pidgin and Creole Linguistics*. Oxford: Basil Blackwell.

PADLEY, G. A.

- 1985 *Grammatical Theory in Western Europe. 1500-1700*. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press.

RAMUSIO, Gio. Battista

- 1565 *Terzo volume delle Navigationi et Viaggi....* Venetia: Heredi di Luc'Antonio de Giunti

REBOREDO, Amaro de

- 1619 *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa: Pedro Craesbeck.

- 1623 *Porta das lingvas...* Lisboa: Pedro Craesbeck.
- REINECKE, J. E. *et alii*.  
1975 *A Bibliography of Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: The University of Hawaii Press. 119-124.
- RICARD, Robert  
1922 "Le Brésil dans la littérature française au XVIIème. siècle". *Revista de História* 45.67-73.
- RODRIGUES, Aryon dall'Igna  
1986 *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. S. Paulo: Loyola.
- SAMPAIO, Theodoro  
1901 *O tupi na geografia nacional*. 4a.ed. Intr. e notas de F. G. Edelweiss. Salvador: Camara Municipal. 1955.
- SILVA, Innocêncio  
1858-1958 *Diccionario bibliographico portuguez*. Continuado e ampliado por Brito Aranha. Lisboa: Imprensa Nacional. 23 v.
- SILVA NETO, Serafim  
1950 *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.  
1970 *História da língua portuguesa*. 2a.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- SOUSA, Gabriel Soares de  
1589 "Notícia do Brasil, descrição verdadeira da costa daquelle estado que pertence à Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos". *In Academia Real das Sciencias*. t. 3, parte 1, no. 1.1-342.
- STADEN, Hans  
1557 *Viagem ao Brasil*. Versão do texto de Marpurgo por A. Löffgren, rev. e anot. por T. Sampaio. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica. 1930.
- THEVET, André  
1577 *Pays d'outre-mer. Les Français Amérique. Le Brésil et les brésiliens par André Thevet*. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet. Introd. par Ch.-A. Julien. Paris: Presses Universitaires de France. 1953. 364p.
- VASCONCELLOS, Carolina M.  
1881 "Julius Platzmann e os seus trabalhos sobre as línguas americanas". *Revista da Sociedade de Instrução do Porto* 1. 3-8.
- VIEIRA, Antônio  
1660 *Copia de hvma carta para El Rei N. Senhor. sobre as missões do Seará, do Maranhã, do Parà, & do grande Rio das Almasónas*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira. 3-20.

\_\_\_\_\_ *s.d.*

1983 *Livro antepimeiro da História de Futuro*. Nova leitura, intr. e notas por J. van den Besselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional.